



## **TECENDO IMAGENS LIVRES – UMA EXPERIÊNCIA DE INTERSEÇÃO ENTRE CULTURA POPULAR E AUDIOVISUAL NO PONTO DE CULTURA TECER, EM CAMARAGIBE – PE<sup>1</sup>**

Raquel de Melo Santana<sup>2</sup>

Natália Lopes Wanderley<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

Faculdade Frassinetti do Recife, Recife, PE

### **RESUMO**

O objeto de estudo desse trabalho é o projeto de residência artística “Tecendo Imagens Livres”, realizado em um ponto de cultura recente, o Ponto de Cultura Tecer, com sede em Camaragibe, município da Região Metropolitana do Recife – RMR. Neste artigo visamos afirmar as práticas de uma formação em audiovisual desenvolvida através de vídeos produzidos na perspectiva do direito humano à comunicação e valorização da cultura local à luz das políticas públicas de cultura em vigência no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** políticas públicas de cultura, pontos de cultura, cultura popular, audiovisual e direito humano à comunicação.

### **Pontos de Cultura, Programa Cultura Viva e Interações Estéticas – uma breve introdução sobre políticas públicas de cultura**

O governo Lula possibilitou um grande avanço no que se refere às políticas públicas de cultura. Tomando como ponto de partida para elaboração de suas diretrizes políticas culturais a Agenda 21 da Cultura, apresentada do Fórum Universal das Culturas – Barcelona 2004, e a Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, proposta pela Unesco em 2006, o Brasil a passou a adotar políticas públicas de cultura para a promoção de grupos culturais populares (PLANO NACIONAL DA CULTURA, 2008). O conceito de cultura popular utilizado neste trabalho é o de Immacolata Lopes, que segue a linha dos estudos de comunicação e cultura latino-americanos: população que ocupa “uma posição desnivelada no mundo, porque desnivelada é a distribuição de riquezas materiais e simbólicas em nossa sociedade” (LOPES, 1997, p. 56).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e-mail: melosantana@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Aluna da Especialização em Cultura Pernambucana da Faculdade Frassinetti do Recife, e-mail: natalopes@gmail.com



Uma das principais ações do Ministério da Cultura – MINC é o Ponto de Cultura, vinculado ao Programa Cultura Viva. Trata-se de um convênio de três anos entre o governo e entidades da sociedade civil que lidam com cultura, no qual estas entidades recebem um repasse financeiro para fomentar as suas atividades culturais e investir em inclusão digital.

Ponto de Cultura pressupõe autonomia e protagonismo sociocultural, potencializados pela articulação em rede e se expressa com o reconhecimento e legitimação do fazer cultural das comunidades, gerando empoderamento social. Por si, essa política pública já representaria um avanço em relação às tradicionais formas de relacionamento entre poder público e sociedade (...) (TURINO, 2009, p. 85).

Uma vez que a entidade é conveniada como Ponto de Cultura, mediante edital público de seleção, está apta a concorrer a outros editais e premiações governamentais de fomento cultural, haja vista que o Ponto de Cultura “articula todas as demais ações do Programa Cultura Viva” (site do MINC). Turino<sup>4</sup> ressalva que os Pontos de Cultura e o Programa Cultura Viva foram criados juntos e estão indissociáveis um do outro: “O Cultura Viva é concebido como uma rede orgânica de gestão, agitação e criação cultural e terá por base de articulação o Ponto de Cultura”. (TURINO, op. cit., p. 85)

Outros programas e órgãos vinculados ao MINC também disponibilizam editais destinados aos Pontos de Cultura, como a Fundação Nacional de Artes – Funarte. Desde 2008, esta fundação vem promovendo o Prêmio Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura. De acordo com Turino, esse edital foi criado a partir da necessidade de se criar uma ponte dentro do Cultura Viva para a interação de uma arte consagrada pelos “cânones oficiais” com a arte ainda não reconhecida pela cultura hegemônica, ou seja, a produção artística dos pontos de cultura, em sua maioria oriunda de contextos populares. “O objetivo é uma realização comum entre artistas e Pontos de Cultura. Não para a utilização do Ponto de Cultura enquanto suporte para uma criação artística, mas para uma criação de fato nova e compartilhada”. (ibid., p. 110).

Em Pernambuco, que atualmente conta com 117 pontos de cultura, de acordo com a Fundarpe – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, diversas residências artísticas vêm sendo desenvolvidas desde o primeiro ano do edital, como,

---

<sup>4</sup> Célio Turino é atualmente o Secretário de Cidadania Cultural, órgão ligado ao Ministério da Cultura. Segundo as informações encontradas em seu livro “Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima”, foi o autor do projeto que veio a instituir os pontos de cultura e o Programa Cultura Viva como políticas públicas em todo país (Ibid., p. 81).



por exemplo, a parceria do artista Jorge Mautner com o Ponto de Cultura Estrela de Ouro, situado na Zona da Mata Norte do Estado. Importante ressaltar que a maioria dos projetos contemplados com o Prêmio Interações Estéticas em Pernambuco é de Pontos de Cultura que vêm se destacando no cenário das políticas públicas culturais estaduais e nacionais, caso do Estrela de Ouro, e do Ponto de Cultura Coco de Umbigada<sup>5</sup>, em Olinda.

### **O Tecer, a Cultura Popular e o Audiovisual a serviço da transformação social**

Os estudos latino-americanos sobre as culturas populares possuem importantes reflexões sobre a relação dessas culturas com o meio hegemônico, pois este, para legitimar a sua posição, precisa dialogar com as culturas populares.

Os sistemas políticos têm interesse em levar em conta o folclore a fim de fortalecer sua hegemonia e sua legitimidade. O mercado tem necessidade de incluir as estruturas e os bens simbólicos tradicionais nos circuitos massivos de comunicação, para atingir mesmo as camadas populares menos integradas à modernidade. (CANCLINI, 2003, p. 215).

As culturas populares, por sua vez, para se inserirem no espaço hegemônico, recorrem a estratégias denominadas por Canclini de reconversões culturais, ou seja, incorporação de práticas da cultura massiva, mas refuncionalizando os seus usos de acordo com suas necessidades (TAUK SANTOS, 2001, p. 254). As reconversões são fundamentais para a existência em um mundo globalizado, onde a velocidade das informações e das inovações tecnológicas impõe constantes adaptações, em maior ou menor grau, não apenas às culturas populares, mas aos demais segmentos da sociedade.

É nesta perspectiva que o projeto “Tecendo Imagens Livres” assumiu a necessidade de se produzir conteúdo audiovisual advindo dos movimentos culturais e populares da cidade de Camaragibe. O intuito do projeto desde o início foi também incluir tais produções em uma esfera de vídeos que abalizam os direitos humanos e em especial o direito humano à comunicação.

Essa interface entre os movimentos de comunicação e os de direitos humanos, que passam a ser vislumbrados pela dimensão econômica, social e cultural,

---

<sup>5</sup> Os Pontos de Cultura Estrela de Ouro e Coco de Umbigada foram conveniados no primeiro edital público de seleção para pontos de cultura aberto pelo MINC, em 2005. Ao longo dos últimos cinco anos, vêm conquistando várias aprovações em editais federais (Pontão de Cultura, Prêmio Mídias Livres, Tuxauá, entre outros) e estaduais (neste último caso, o Funcultura – Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura) e consolidando parcerias com artistas e pontos de cultura de diversos lugares do Brasil.



sintetizada na sigla DHESC, se torna um ganho do movimento de direitos humanos, que se expande e assume a comunicação como componente de suas lutas, não apenas como ferramenta, atividade-meio de suas ações. Da mesma forma, é um ganho também do movimento de comunicação, que assume a abrangência dos direitos humanos no sentido de uma contribuição concreta de meios e processos de comunicação para a transformação social. (CABRAL, 2005)

Ao voltarmos-nos para o papel do vídeo na produção audiovisual nacional e televisiva, vemos que no Brasil, ao longo de quase quatro décadas (meados dos anos 70 até a atualidade), o vídeo tem assumido, dentre outras, características contra-hegemônicas de alinhamento aos movimentos sociais:

A rigor, os termos vídeo e televisão podem ser aplicados a uma mesma tecnologia, à exploração de um mesmo meio para a produção e difusão de imagens eletrônicas. A diferença entre o vídeo e a TV está, essencialmente, na sua proposta ético-estética. O sistema de televisão por broadcast definiu, com base em interesses políticos e econômicos, um modelo de comunicação que se tornou hegemônico na exploração do suporte eletrônico. Esse modelo é orientado, de modo geral, por uma hierarquia da transmissão sobre a recepção (unidirecionalidade), pelos cânones da representação ilusionista (TV como “janela” do mundo), pela “métrica” dos intervalos comerciais (interrupções que ditam a sua sintaxe). (FECHINE, 2003, p. 88)

Assim, Pernambuco acumula desde o início dos anos 80 através do pioneirismo da TV Viva<sup>6</sup> e da Auçuba<sup>7</sup>, experiências com práticas em audiovisual que focam a inclusão de grupos excluídos das representações televisivas (negros, índios, sem-terra, moradores de favelas e bairros pobres da periferia das cidades, além de outros): “Ao longo dos anos 80 e até o começo dos anos 90, o vídeo foi utilizado como uma rede alternativa de comunicação aliada à luta pela redemocratização, às ações de educação e conscientização nas comunidades, à mobilização dos trabalhadores.” (ibid., p.101).

No início dos anos 2000, surgem no grande Recife, iniciativas de produção audiovisual ligadas a um conceito de comunicação comunitária, que segundo Peruzzo,

por vezes é denominada de popular, alternativa ou participativa e se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. (...) Em última instância, realiza-se o

---

<sup>6</sup> Primeira TV de rua da América Latina, está ligada ao Centro de Cultura Luiz Freire, organização não governamental fundada em 1972, na cidade de Olinda, PE. A TV Viva surgiu em 1984 com a proposta de contribuir para a democratização dos meios de comunicação e reivindicações dos movimentos sociais. Para mais informações, acesse: <http://www.concepto.com.br/cclf/tv.php>

<sup>7</sup> Organização não-governamental fundada em 1989, a Auçuba foca seu trabalho na promoção e defesa dos direitos de crianças, adolescentes e jovens, utilizando o potencial pedagógico e mobilizador da comunicação. Mais informações disponíveis em: <http://www.aucuba.org.br/portal/>



direito à comunicação na perspectiva do acesso aos canais para se comunicar. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor tão presente quando se fala em grande mídia, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos. (PERUZZO apud MELO e SILVA, 2010, p. 33).

Este tipo de comunicação passa a ser realizado por grupos de jovens, em sua maioria, moradores de bairros da periferia da cidade. Podemos citar como exemplos o Coletivo Gambiarra Imagens<sup>8</sup> e a Rede de Resistência Solidária<sup>9</sup>, como também o Mangue Crew<sup>10</sup> e o CCJ – Centro de Comunicação e Juventudes<sup>11</sup>.

Já quanto às experiências do Ponto de Cultura Tecer, este é representado pela OSCIP Laboratório de Intervenção Artística – Laia, com sede em Camaragibe, município da Região Metropolitana do Recife – RMR, com apenas 27 anos de idade, cujo território antes pertencia a São Lourenço da Mata, uma das vias de acesso ao interior de Pernambuco. O município possui vários trechos de mata atlântica preservada e forte tradição em folguedos ou, utilizando um termo corrente em Pernambuco, *brinquedos* populares bastantes presentes nesse estado como coco<sup>12</sup> e caboclinhos<sup>13</sup>.

O Ponto é formado por jovens de 20 a 30 anos e por mestres da cultura popular de idade avançada, todos moradores de bairros populares de Camaragibe. São pessoas com vivência em diversas linguagens culturais (música, dança, teatro, poesia) e que nos últimos anos vêm fortalecendo a cultura de sua cidade através de oficinas, palestras e eventos culturais. Alguns de seus integrantes vêm participando da construção de políticas culturais em espaços como fóruns, encontros e conferências municipais e estaduais da área.

---

<sup>8</sup> Coletivo que trabalha com audiovisual formado por jovens de vários bairros periféricos da RMR, com objetivo de construir uma melhor representação sobre as comunidades e proporcionar um diálogo maior entre as pessoas e sobre os problemas existentes nos seus bairros (MELO E SILVA, 2010, p. 58).

<sup>9</sup> A RRS é uma articulação de grupos comunitários que tem como foco principal a idéia de que “a comunidade precisa produzir aquilo que precisa consumir” (ibid., p. 62).

<sup>10</sup> Coletivo juvenil do bairro do Totó, Recife, criado em 2001. Utiliza as linguagens do hip hop (grafite) e da comunicação (fotografia, vídeo, fanzine e design), além de trabalhos com meio ambiente através da reciclagem.

<sup>11</sup> Criado em 2007, o CCJ é uma parceria da ONG Diaconia com grupos do movimento social de Pernambuco. Alguns destes são: Projeto Peixearte, Crescendo no Morro, Pé no Chão, Escola de Formação Quilombo dos Palmares – EQUIP e Universidade Federal de Pernambuco. O centro tem como objetivo “potencializar a organização da juventude do meio popular para atuar com a comunicação como direito humano.” Para saber mais, acesse: [http://www.ccjrecife.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=14&Itemid=1](http://www.ccjrecife.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=1)

<sup>12</sup> Música e dança popular nordestina, cantado em coro o refrão que responde aos versos do tirador de coco ou coquista (CASCUDO, 1993, p. 237). Existe uma grande variedade de tipos de coco, como coco de embolada, samba de coco, coco de roda, coco de improviso.

<sup>13</sup> “Grupos fantasiados de indígenas, com pequenas flautas e pífanos percorrem as ruas nos dias de carnaval nas cidades do Nordeste (...). Executam um bailado (...) ao som da pancada das flechas nos arcos, fingindo ataque e defesa” (CASCUDO, 1993, p. 166).



A principal ação deste ponto é a realização de um mapeamento cultural dos mestres da cultura popular do município. Entre outras atividades, está a estruturação da Sambada da Laia, evento cultural que essa entidade promove há mais de três anos todo segundo sábado de cada mês e a realização de uma TV Itinerante por bairros de Camaragibe. A maioria da equipe do Ponto de Cultura integra um grupo musical chamado “Adiel Luna e Coco Camará”, que se apresenta em todas as edições da Sambada e vem ganhando respaldo na cena musical pernambucana. Pessoas da OSCIP Laia também coordenam um projeto da Ação Griô, vinculado ao Programa Cultura Viva – MINC. Este projeto incentiva os mestres “contadores de histórias” a repassarem os seus conhecimentos às suas comunidades, por meio das escolas públicas.

A relação de amizade das autoras deste artigo com pessoas do Ponto de Cultura Tecer, a repercussão do trabalho deste Ponto e as experiências anteriores das artistas com grupos que assinalam o direito humano à comunicação, motivaram a criação do projeto. A residência artística em audiovisual Tecendo Imagens Livres foi elaborada com o propósito inicial de promover oficina de vídeo para o ponto de cultura Tecer, três vídeos sobre mestres da cultura popular de Camaragibe, um vídeo das artistas sobre suas experiências de troca com o Ponto e uma atividade cineclubista dentro da Sambada da Laia, o Cineclube da Laia. A justificativa do projeto enviado à Funarte é a seguinte:

O registro audiovisual desses brincantes resvala em várias importâncias: a exaltação da comunidade a partir da sua história e tradição, o reconhecimento dos seus artistas para além da cidade e a possibilidade de gerações futuras conhecerem a riqueza cultural de Camaragibe através deste registro. A vivência em audiovisual, proposta no projeto “Tecendo Imagens Livres”, vem impulsionar essa produção e difusão cultural, voltada primeiramente para registro dos folguedos populares e mestres da cultura de Camaragibe, provocando a afirmação de uma identidade local contagiante e orgulhosa. A prática cineclubista, através da criação do “Cineclube da Laia” reforçará o contato com a arte cinematográfica e propiciará a discussão acerca dos filmes que irão ser exibidos e suas temáticas. (WANDERLEY e SANTANA, 2009).

### **“Tecendo Imagens Livres” – descritivo da ação**

É, principalmente, da experiência em gestão compartilhada com pessoas advindas de diversos movimentos sociais da cidade, vividas quando do período em que foram professoras contratadas do CCJ (agosto de 2008 a fevereiro de 2009), que as realizadoras do projeto Tecendo Imagens Livres e do seguinte artigo formularam tais práticas descritas abaixo.



Uma vez anunciada a aprovação, em outubro de 2009, membros da equipe do Ponto de Cultura Tecer e as três artistas residentes (as autoras deste artigo e mais outra comunicadora, Éthel Oliveira) começaram o planejamento das atividades, que duraram três meses. Não se tratou de um projeto vertical, no qual o proponente leva o projeto já pronto ao beneficiário, muito pelo contrário. O Ponto de Cultura teve uma participação muito importante na construção e execução das atividades. Sob o argumento de que mais pessoas deveriam ter acesso a tal formação na cidade, os integrantes do Ponto consideraram melhor ampliar o público da oficina, que incluiu, através da mobilização “boca a boca” da equipe do Tecer, representantes do movimento cultural de Camaragibe de faixa etária variável de 15 a 65 anos.



Fotos da oficina de vídeo em sala de aula, por Éthel Oliveira.

Graças à parceria do Ponto com a Prefeitura de Camaragibe, as aulas puderam ser realizadas em um local com infra-estrutura adequada, pois o Tecer não possui sede própria. O projeto conseguiu um apoio cultural de uma gráfica do Recife, que imprimiu gratuitamente o banner do projeto e os cartazes de divulgação da Sambada/Cineclube da Laia durante dois meses, e manteve parceria com o Coletivo Gambiarra Imagens, que emprestou o seu telão em todas as sessões do Cineclube da Laia, mesmo após o término do projeto. Aliás, em projetos com baixo orçamento (o Tecendo Imagens Livres contou com R\$ 15.000 para compra de equipamentos de vídeo, impressão de material didático, transporte de telão e remuneração de designer e das artistas) ou realizados de maneira independente, caso freqüente entre as atividades culturais que acontecem nas periferias do Recife<sup>14</sup>, as redes de contatos, as parcerias e a capacidade “saber se virar” com poucos recursos, são fundamentais para a viabilização das atividades. Martin-Barbero,

---

<sup>14</sup> Como, por exemplo, a própria Sambada da Laia antes do auxílio do ponto de cultura Tecer, as sambadas de coco de Olinda nas comunidades do Guadalupe, Amaro Branco, Saramandaia, Portão do Gelo e outras que acontecem ao longo de todo o ano, além dos Mutirões de Grafite. Estes últimos são promovidos pela Rede de Resistência Solidária e acontecem todo último domingo do mês graças à mobilização dos membros da rede e da comunidade que recebe o mutirão.



ao comentar o estudo da antropóloga Pilar Riaño sobre a juventude colombiana da cidade de Medellín, toca na questão da criatividade como forma de superação das adversidades vivenciadas cotidianamente pela juventude que habita os bairros da periferia:

“Uma das maiores contribuições de seu estudo está em olhar a vida cotidiana dos jovens a partir do choque e do entrelaçamento de temporalidades muito diversas que, se por um lado desgarram, por outro dinamizam, poderosamente, a busca pela sobrevivência, potencializando a criatividade” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 27).

A oficina teve início em janeiro de 2010. As facilitadoras estabeleceram com o Ponto de Cultura Tecer que a oficina teria no máximo quinze alunos, muito embora esse número não tenha sido obedecido rigorosamente, pois a frequência média das aulas do primeiro módulo foi de 15,4 participantes por aula<sup>15</sup>. Alguns alunos chegaram à oficina após o início das aulas e permaneceram até o fim do curso. Entretanto, alguns que freqüentaram as primeiras aulas desistiram da oficina. Treze participantes concluíram o curso, do qual resultaram três vídeos curta-metragem, dois deles produzidos pelos próprios alunos: Cacique Luna – Guerreiro dos Caboclinhos e Camaragibe Clássico. O primeiro mostra Manoel Luiz de Luna (Cacique Luna), personagem que é uma das principais referências dos caboclinhos em Pernambuco. O segundo aborda o sistema de trânsito da cidade de Camaragibe, com ênfase no transporte alternativo, kombis, mototáxis).



Foto das filmagens de *Camaragibe Clássico*, por Lala Borba.

Cacique Luna, personalidade que desde os anos 60 promove a cultura do caboclinho e que conquistou títulos carnavalescos dedicados a este brinquedo<sup>16</sup>, já havia participado das ações do Ponto de Cultura Tecer através do mapeamento cultural dos

---

<sup>15</sup> Cálculo obtido a partir de média aritmética realizada com as atas de frequência do primeiro módulo da oficina, que compreendeu direito humano à comunicação, escolas de cinema, roteiro, produção e fotografia.

<sup>16</sup> O caboclinho do Cacique Luna, o Tabajaras de Camaragibe, foi campeão do Carnaval do Recife, na categoria caboclinhos, entre 1970-1973 e 1975-1980, de acordo com o depoimento do Cacique no vídeo Cacique Luna – guerreiro dos caboclinhos.





artistas da cultura popular, realizado em 2009. A idéia de produzir um vídeo sobre esse personagem partiu de integrantes do Ponto que o haviam entrevistado para o mapeamento. Impressionadas com o conhecimento e sabedoria do Cacique, alegaram a importância de um registro audiovisual de um mestre que é referência para o caboclinho pernambucano. Poucas semanas após as filmagens, o Cacique Luna faleceu aos 70 anos.

A importância do vídeo Cacique Luna – guerreiro dos caboclinhos se dá em dois sentidos: enquanto registro dos últimos momentos de um mestre da cultura popular, que apesar de sua atuação histórica em favor do caboclinho, passou os últimos anos de sua vida em condições financeiras precárias, sem nenhum tipo de apoio dos órgãos culturais da Prefeitura de Camaragibe e do Governo de Pernambuco, e enquanto afirmação, através do suporte tecnológico do vídeo, da identidade local. A exibição do filme no Cineclube da Laia, que contou com a presença de vários familiares do Cacique Luna, sucedida de discursos emocionados a respeito da relevância deste personagem não só para a cidade de Camaragibe, mas para toda a cultura pernambucana, talvez tenha sido o momento mais gratificante do projeto Tecendo Imagens Livres para as artistas residentes, e possivelmente para as pessoas do Ponto de Cultura Tecer e os demais alunos da oficina.

O tema do segundo vídeo, Camaragibe Clássico, surgiu a partir da experiência vivida pelos participantes da oficina, que utilizam com frequência o transporte alternativo da cidade, principalmente aqueles que moram em bairros mais distantes do centro, e durante a noite, quando a oferta de ônibus de linha diminui. Os alunos – dois inclusive deram depoimentos para este vídeo – relataram que os veículos alternativos não respeitam a sinalização, estão em condições precárias e dispensam um tratamento digno ao usuário. A situação atual do trânsito de Camaragibe reflete o crescimento desordenado da cidade, que assim como a maioria das metrópoles e regiões metropolitanas de outros lugares do Brasil e de outros países periféricos, convivem com este e outros problemas, como precárias condições de saúde, alimentação e moradia, desemprego e violência urbana. Uma matéria publicada a respeito de Adiel Luna e Coco Camará por um veículo de comunicação local, o Diário de Pernambuco, provocou reações adversas nos integrantes do Ponto de Cultura Tecer. A matéria inicia da seguinte forma:

“Camaragibe é um dos patinhos feios da Região Metropolitana. (...) No centro, a poluição visual reina absoluta. Por todos os lados há placas, banners, cartazes,



outdoors. Nas ruas, carros brigam por espaço com ônibus e kombis de passageiros. Nessa cidade pobre e quase caótica, houve uma forte movimentação cultural ligada ao coco” (SANTOS, 2010).

O intuito do texto, que era valorizar o trabalho de Adiel Luna e Coco Camará, e por conseguinte da cidade de Camaragibe, território de referência identitária de todos os integrantes do grupo, não consegue ser realizado de maneira plena, pois reforça a visão estigmatizada dos grandes meios de comunicação a respeito de espaços distantes do centro, ou periféricos.

A oficina de vídeo do projeto Tecendo Imagens Livres terminou em março de 2010, com a apresentação dos vídeos realizados pela turma e debate com um convidado com experiência em realização de TVs de Rua, o português Rui Mendonça. O Cineclube da Laia, porém, não encerrou suas atividades. As artistas residentes idealizaram esse cineclube como um espaço de exibição de curtas-metragens realizados em vários formatos (ficção, documentário, animação), preferencialmente pernambucanos, com objetivo de valorizar a cultura local e de trazer os próprios realizadores para falarem a respeito de seus filmes e suscitar a discussão com o público.

Ficou acertado que as sessões do Cineclube da Laia aconteceriam dentro da Sambada da Laia, antes da programação musical. A primeira sessão teve boa divulgação na mídia formal, sites e blogs dedicados à vida cultural recifense. Os cinco vídeos exibidos<sup>17</sup> já circularam em festivais de cinema estaduais e nacionais. Compareceram à exibição três realizadores, além do presidente da FEPEC – Federação Pernambucana de Cineclubes, Gê Carvalho. Apesar da boa receptividade do público, a equipe do Ponto de Cultura Tecer e as artistas residentes constataram que a sessão ficou um pouco cansativa, em grande parte porque as pessoas que vão para a Sambada têm o objetivo prioritário de apreciar a programação musical. Em decorrência disso, o debate após a sessão ficou comprometido. O que aconteceu foram falas breves sobre cineclubismo, por Gê Carvalho, e apresentação resumida dos vídeos por parte dos realizadores presentes.

---

<sup>17</sup> *Morro*, de Gabriel Mascaro, *Somos somos*, de Paulo Leonardo, *Tchau e bênção*, de Daniel e Bandeira, *Até onde a vista alcança*, de Felipe Peres, e *Tebei*, de Gustavo Vilar, Hamilton Costa Filho, Pedro Rampazzo e Paloma Granjeiro.

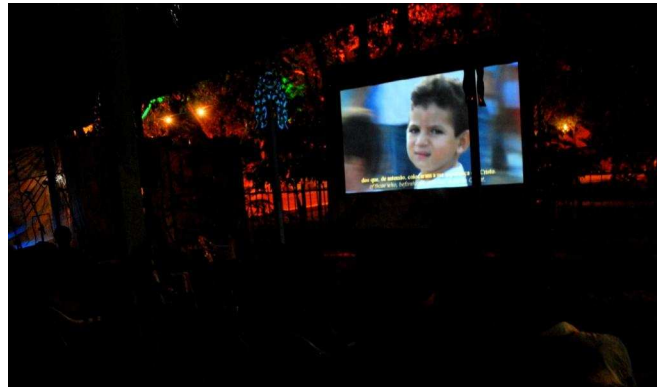


Foto da primeira sessão do *Cineclube da Laia*, por Aline Silva

A segunda sessão teve duração total de uma hora<sup>18</sup> e foi divulgada de maneira incipiente nos grandes meios de comunicação e em blogs. Este fato, entretanto, não impediu que o público comparecesse em volume significativo, graças à mobilização do Ponto de Cultura Tecer, que divulgou a sessão cuja atração principal foi o lançamento do vídeo *Cacique Luna – guerreiro dos caboclinhos*, através do boca a boca e de redes informais como o orkut. O debate foi comprometido novamente pela expectativa de que se iniciasse o restante da programação da *Sambada da Laia*, nesta edição acrescida de uma peça teatral. A última sessão<sup>19</sup>, realizada após o encerramento das atividades do projeto, não contou com a presença de realizadores, mas teve um bom público: cerca de 50 pessoas.



Foto da exibição do vídeo *Cacique Luna: guerreiro dos caboclinhos*, por Aline Silva.

O projeto, embora já tenha concluído seu prazo junto à Funarte, ao longo da vivência novas perspectivas de continuidade foram sendo modeladas. Este fato

---

<sup>18</sup> Foram exibidos *O homem da mata*, de Antônio Carrilho, *A menina e o baú*, de Caíque Rago, Marília Gabriela e Juliana Silva, de *Moro ou não moro*, Martina Marzagalli e *Cacique Luna – guerreiro dos caboclinhos* (direção coletiva).

<sup>19</sup> Foram exibidos os vídeos *Hotel do coração partido*, de Raoni Assis, *Camaragibe clássico* (direção coletiva), *Pode valer*, de Raquel Santana e *A Cambinda do Cumbe*, de Luca Barreto.



demonstra o território fértil de mobilização que pode existir quando diferentes instâncias artísticas, e por que não sociais, se articulam para o alcance de bens-comuns.



Foto do público do *Cineclube da Laia*, por Aline Silva.

Como frutos já visíveis do Tecendo Imagens Livres, podemos citar a associação do Cineclube da Laia na FEPEC, a construção de uma página eletrônica, um blog<sup>20</sup>, com divulgação das atividades do Cineclube e do Ponto de Cultura Tecer, a repercussão do projeto, particularmente do Cineclube da Laia, em jornais de circulação estadual, portais virtuais e blogs, além de parcerias que começam a se formar em âmbito nacional, como a articulação com o cineclube “Cine-Viaduto”, da cidade do Rio de Janeiro, que irá exibir as produções do Tecendo Imagens Livres neste mês de maio de 2010.

O Ponto de Cultura Tecer deseja ampliar os rumos dessa residência artística com a criação de um núcleo audiovisual. Recentemente, no último dia 26 de abril, o Ponto, em carta para a Fundarpe – instituição responsável pelo convênio dos pontos de cultura no estado, escreveu que deseja remanejar recursos de seu projeto para investir em equipamentos de vídeo.

As sessões do Cineclube da Laia continuam acontecendo todo segundo sábado do mês, mesmo dia da Sambada da Laia, agora com a ajuda de algumas pessoas que foram alunos da oficina. O Cineclube também está se preparando para a implantação das sessões semanais do *Cine Mais Cultura*, outra iniciativa do Programa Cultura Viva, recentemente aprovado pelo Tecer em edital estadual da Fundarpe. As artistas já estão comprometidas em contribuir com mais esse projeto.

---

<sup>20</sup> [www.cineclubedalaia.blogspot.com](http://www.cineclubedalaia.blogspot.com). No último mês de abril, o blog do cineclube ganhou a colaboração de uma comunicadora e estudiosa do cinema, Ludmila Carvalho (formada em Radialismo e TV pela UFPE).



Analisando o projeto Tecendo Imagens Livres, percebemos que ele conseguiu alcançar a “realização comum entre artistas e Pontos de Cultura” defendida por Célio Turino como o principal objetivo do Prêmio Interações Estéticas. Acreditamos que o êxito desse processo, na verdade em início de construção, se deveu a uma relação de afetividade e confiança estabelecida entre a equipe do Ponto de Cultura Tecer e das artistas residentes muito antes do início do projeto, e a uma compreensão comum acerca da importância das políticas públicas culturais para a promoção das culturas populares e democratização dos meios de comunicação.

### **Referências Bibliográficas**

BARBERO, Jesús-Martin. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens.** In: Culturas Juvenis no século XXI. São Paulo: Educ, 2008.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura: Diretrizes gerais.** 2. Ed. Brasília: Minc, 2008.

CABRAL, Adilson. **Direitos Humanos à Comunicação: o papel das redes.** In: Informativo Eletrônico SETE PONTOS. Ano 03, nº27, setembro, 2005. Disponível em: <<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/27/comdirhum.htm>>. Acesso em 05/05/2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FECHINE, Yvana. **O Vídeo como Projeto Utópico de Televisão.** In: Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro / Coordenação Arlindo Machado. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola, 1997.

MELO E SILVA, Ana Carolina Senna. **O Enigma da Comunicação Comunitária.** Dissertação de Mestrado. Recife, PPGCOM/UFPE, 2010.

SANTOS, Maria Carolina. **Em nome da tradição do coco.** Diário de Pernambuco, Caderno Viver, 14 de março de 2010.



TAUK SANTOS, Maria Salett. **O Consumo de Bens Culturais nas Culturas Populares: identidade reconvertida ou diversidade refuncionalizada?** In: Comunicação e Multiculturalismo. (Organização: Cicília Maria Krohling Peruzzo e José Benedito Pinho). São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

TURINO, Célio. **Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

### **Site consultado**

Programa Cultura Viva

[http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva/?page\\_id=31](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31)